

4328 NOV. 1996
Vida

ANO I—N.º 6—26 DE JUNHO DE 1941—PREÇO: 1 ESCUDO

MUNDIAL *Ilustrada*

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



PARTIRAM ALEGRES E CONFIANTES os soldados que constituíam o último destacamento de tropas expedicionárias enviadas para o arquipélago de Cabo Verde

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 2 5844

Vida MUNDIAL
Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO

Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS

Editor e Proprietário

OS LADRÕES DE ALPHONSE ALLAIS

Alphonse Allais, um dos maiores escritores humoristas franceses, começou a sua carreira literária, muitos anos exercida em publicações periódicas, num insolito jornal de cidade provinciana.

Triste de aparência, sorumbático, como é frequente verificar-se em humoristas, sofreu as subalternizações inevitáveis dos neófitos e dos ignorados. Incluído no elenco da redacção como figura apagada, encareceram-no de redigir as notícias de poucas linhas e de somenos importância.

Allais aborrecia-se, o que é natural — mesmo extremamente fúcil num humorista. Faltava-lhe, o que sucede, em regra, com as personalidades ricas, bem definidas, jeito de adaptação.

A banalidade das notícias que tinha de redigir, confundi-o. A seriedade de que elas se revestiam, atormentava-o. O trocista que havia nele, não poderia, muito tempo, conservar-se inédito.

Um dia, com o ar inocente que o classificava, no conceito de todos, de pobre diabo, tipo perfeito do mediocre inofensivo, introduziu, na sua secção de notícias mundanas, este fait-diver muito extraordinário:

«A Polícia parisiense tem multiplicado os seus esforços para descobrir os autores do roubo de locomotivas há



dias praticado na «gare» de Saint Lazare. Parece inclinada a crer de que se trata duma quadrilha de ladrões estrangeiros».

Misturada com as outras, a notícia passou. E a ninguém causou reparos que se tivesse produzido um roubo tão absurdo. Allais convenceu-se de que ninguém no jornal lia, com atenção, a sua prosa, feita em retalhos de meia dúzia de linhas. Resolveu então distrair-se, e nova notícia, no mesmo género redigiu:

«Graças à apertadíssima vigilância policial não se têm dado ultimamente roubos de locomotivas na «gare» de Saint Lazare. Um ladrão, quando tentava furtar a locomotiva do erápido de Cherbourg, foi surpreendido em flagrante e detido».

Desta vez não passou. O director estava atento. Irritou-se com Allais, acusou-o de abusar da confiança que lhe davam, de zombar da credulidade dos leitores, e demittiu-o.

Allais começou, assim, sem emprego e sem recursos, a sua carreira de humorista. Foi nessa triste situação que ele se adestrou a fazer rir os outros.

CRISTIANO LIMA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA
Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00; 6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. — África: 12 meses (48 números) — 60\$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65\$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80\$00.

COMPOSTO E IMPRESSO
nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º — Telef. 2 6942 — Lisboa

Visto pela Comissão de Censura

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, COLABORAÇÃO DE

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNANI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
DR. LOPES DE OLIVEIRA
MANUEL L. RODRIGUES

LUIZ TEIXEIRA
ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
MARIA ARCHER
GRACIETTE BRANCO
AUGUSTO DA COSTA
MÁRIO BARROS, Etc.

Panozuma Internacional

O Sobresalto britânico

por Francisco Velloso



SMUTS

Quási logo depois de iniciadas as hostilidades dos aliados na Síria, e quando por todo o mundo, na altura em que simbolicamente se desarranjara o Big-Ben, se espalhara a impressão de que a alta muralha britânica oscilava lentamente, sobreveio de Londres uma declaração colectiva, lavrada no dia 12 no palácio de Saint-James, pelos governos da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte e dos Domínios e pelos da Bélgica, da Checoslováquia, da Grécia, do Luxemburgo, da Holanda, da Noruega, da Polónia, da Iugoslávia, e pelos representantes da França Livre. Essa declaração passou aos destques da história e ver-se-á mais tarde, em face dos nomes dos seus signatários e da ausência nela de outros que lá podiam estar, que não se trata de uma varada na água nem de mero gesto sem consequências. O comunicado começava por explicar que esse documento era feito «para responder às manobras de paz de Hitler», e contém primordialmente esta afirmação perentória: «Continuaremos a luta contra a opressão alemã ou italiana até se alcançar a vitória e auxiliarem-se mutuamente nesta luta até ao máximo das suas respectivas capacidades».

Aquela finalidade e este solidário compromisso, ecoaram especialmente como réplica às dúvidas que a atitude dos Estados Unidos tem provocado acerca da resistência e possibilidades de ofensiva da Inglaterra, e concorreram para uma transformação dos espíritos públicos. Nesse bloco enorme e poderoso, disperso nos hemisférios, avultam, ao lado de Churchill, os Domínios, hoje chefiados por estadistas de primeiro plano entre os quais se destacam: Mackenzie, do Canadá, Menzies, da Austrália; e Smuts, o talentoso chefe sul-africano. Mas é dever registar o valor moral da resolução dos governos exilados e respectivos soberanos, excepto o rei Leopoldo da Bélgica.

Foi como um levantamento unânime de energias «para cumprir a tarefa até ao fim», segundo a expressão de Churchill no acto da assinatura.

O anúncio, a 15, da reunião dos presidentes dos ministérios dos Domínios em Londres para constituir-se o Gabinete Imperial de funções e acção continuas, dá a medida exacta da orientação que está a ser seguida pela Inglaterra, numa hora de alta tensão.

A DISTENSÃO DE UM EQUILIBRIO

No dia seguinte a 13, ao da declaração de Saint-James, Roosevelt, em mensagem a Jorge VI pelo seu aniversário natalício reiterou: «A América cumprirá a sua promessa de juntar à Grã-Bretanha o mais completo auxílio material». Até 19, é esta a única manifestação verbal do presidente e decerto já ela se referia a dois documentos apresentados dias antes ao Congresso, um seu relatório, sobre a execução da Lei de Empréstimo e Aluguer, segundo o qual iam ser postos à disposição da Inglaterra cerca de 2 milhões de toneladas de navios mercantes e bascos-cisternas; o outro, o projecto que autoriza Roosevelt a ordenar a ocupação das fábricas em laboração para a defesa nacional. Foi neste meio tempo que um submarino alemão afundou o navio mercante norte-americano *Robin Moor* que se dirigia para o Cabo, incidente em que se quis ver empoladamente enxertia favorável à declaração de guerra entre Washington e Berlim. Não esperou, no entanto, o presidente para, mesmo sem corte de relações (ele próprio disse há tempos que de nada precisava da declaração de guerra), ordenar a 14, ao abrigo da lei de pronta emergência, o congelamento dos créditos italianos e alemães nos Estados Unidos, para evitar — disse — movimentos de fundos prejudiciais à defesa nacional, decisão que provocou represálias dentro do Reich e da Itália, não o fazendo por igual os países ocupados ou os proprietários de bens estrangeiros certamente porque não



JORGE VI

podem e por os países do Eixo carecerem das exportações da América. Como se isto já fôsse pouco, a 15, Sumner Welles, o secretário de Estado, dos negócios estrangeiros convidou o Reich (sabem-se o que estes rigores representam) a retirar dos Estados Unidos o pessoal de todos os consulados alemães e organizações de propaganda sítos no território, até 10 de julho. E Welles, ao entregar ao encarregado de negócios da Alemanha esta nota de comunicação, disse que o acto ainda não constituía corte de relações completo com o Reich, o que levava nesse dia alguém a comentar que essa decisão era jogo de palavras a lembrar os dez equilibristas chineses, com bolas de bilhar polsadas na ponta de vara apoiada sobre a testa ou o nariz, e cujo efeito será inevitável-

mente distender a contensão e re-bentarem os cabos. No dia 17, as folhas publicavam despachos de Washington citando bons resultados nos combates dos navios mercantes norte-americanos em travessia atlântica para a Grã-Bretanha, contra os submarinos do Reich, e, apesar do silêncio hábil do Almirantado inglês sobre perdas e afundamentos, é de crer que algo de novo mais do que neutralidades equívocas esteja a passar-se, em vista das fugas de barcos de guerra alemães para Brest, onde se acurralam sob o fogo dos bombardeiros da Aviação britânica.

ENTRE DOIS MARES



MATSUOKA

É evidente que a atitude de Roosevelt por tais caminhos, dirige-se fatalmente a uma conjuntura de guerra efectiva sem declaração. Dir-se-ia que o presidente prolonga, de propósito e energicamente, este estado de coisas até ao limite extremo e possível da sua máxima conveniência, e vai deixando que a questão de direito nasça do estabelecimento da questão de facto, como se fizesse uma política de cronómetro na mão, e a três factores: — a preparação interna, a instância dos apêlos britânicos e a evolução da ameaça do Japão sobre as ilhas holandesas do Pacífico nas rotas da Austrália.

Quanto ao segundo, Eden, a 13, falando para os países da América do Sul, de novo invocou o franco e generoso auxílio dos Estados Unidos, penhor do triunfo britânico. E do que ele possa valer, outra vez disse Churchill a 16, ao agradecer pela rádio a sua nomeação de professor *honoris causa* na Universidade nova-iorquina de Rochester, quando relembrou que a Inglaterra se mantém sózinha, amparada «pelo respeito e simpatia» norte-americanos, mas na esperança do seu auxílio maciço, palavras estas que Winant já fôra levar a Washington e, ao que consta, assás terminantemente.

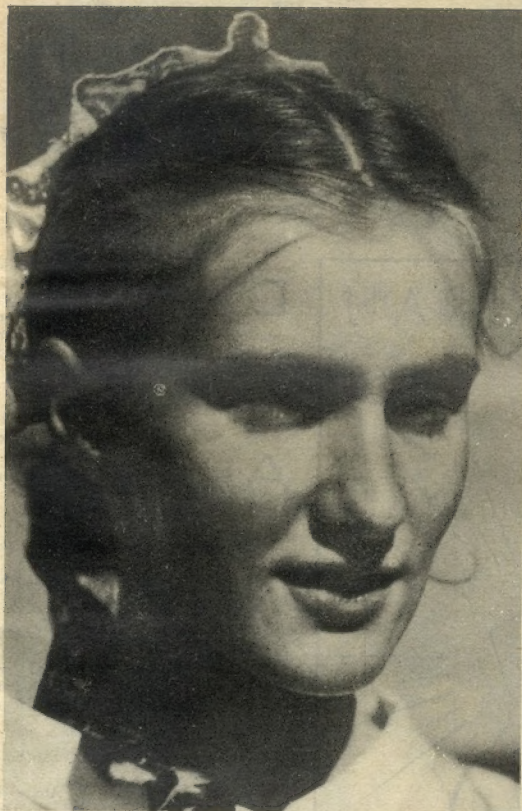
Quanto ao Japão, o seu representante, Yoshizawa, nas negociações de Batávia, viu-as falhar apenas porque, para receber petróleo e outras matérias-primas, o governo nipónico não aceita, como sinatário do Pacto Triplice (que por sinal agora, subscrito pela Croácia, já é Quadruplo), a condição de não fornecer aqueles produtos neerland-

(Continua na pág. 12)

Vida MUNDIAL
Ilustrada

VOLTA A FALAR-SE

da Finlândia



FORÇA, BELEZA E SIMPLICIDADE—a personificação do povo finlandês. A ESTAÇÃO DE CAMINHO DE FERRO DE HELSINKUIA e a praça central da cidade



A ESQUERDA—Em cima: O pôrto da capital, completamente bloqueado pelo gelo. Em baixo: Surpreendente aspecto da iluminação nocturna da praça de vidro, de Helsinquia, parcialmente destruída pelos aviões russos na campanha de 1939-40. A DIREITA: O Museu Nacional finlandês. (Fotos do grande artista J. Kirchner, especiais para «Vida Mundial Ilustrada»)

Calçada da glória...

GUALDINO

CONTA-SE que Gualdino Gomes — mocidade eterna — foi, um dia, consultado por uma aspirante a vedeta teatral.

— O senhor Gualdino Gomes, que é pessoa tão entendida nestas coisas, o que me aconselha: que vá para a declamação ou para a revista?

— Acho que deve ir para a declamação...

— Ah! Então já me viu na declamação? — perguntou ela.

— Não; mas já a vi na revista!

ANSELMO VIEIRA

CONTA-SE que Anselmo Vieira — considerado, e justamente, um dos nossos melhores economistas — entrou uma tarde no Instituto Pasteur, à Rua do Almada, e inquiriu:

— Quanto custa um grama de rádio?

— Aproximadamente cinquenta contos — responderam-lhe.

— Bem. Deixa-me ver então trinta grammas de sulfato de sódio...

LOIRAS

UMA tarde, na Maria Vitória, falava-se duma actriz conhecida de todos nós.

— Vocês já repararam que ela agora está loira?

Logo o empresário Antônio de Macedo, soprando o seu inseparável charuto:

— Não admira! As mulheres são como as massarocas de milho: quando

PASSAGENS DESTA VIDA

SABE lá o que tenho passado na existencial — contava antes de ontem, a uma mesa da Brasileira do Chiado certo revolucionário aposentado.

E pormenorizou: passei isto, mais aquilo, mais aqueloutro...

— Muito mais passei eu — disse, a certa altura, um dos presentes.

E pormenorizou também:

— Ainda ontem passei cinco mil réis falsos...

DIVIDAS

CERTO fidalgo boémio casou o ano passado — aliás com plena alegria dos seus infatigáveis credores — com uma velha milionária. Passado pouco tempo depois do casamento, o criado do fidalgo, testemunha dedicada das suas aventuras, pediu licença ao amo para lhe comunicar que, dentro em pouco, ia contrair matrimónio:

— O que José, tu vais casar?

— Que quer, V. Ex.? Também tenho as minhas dividas...

JORNAIS

CARLOS de Vasconcelos e Sá, conhecido cronista mundano, foi o ano passado atropelado por um automóvel, em plenas Avenidas Novas. Conduzido ao hospital, o médico logo que ele recuperou os sentidos, perguntou-lhe:

— Então como foi isso?

Logo Vasconcelos e Sá:

— Não sei, senhor doutor. Ainda não li os jornais...

O ULTIMO GRAU



Para a maior parte das imaginações, um sábio é um sujeito de idade, mal vestido, de cabelos desgrenhados, quasi inacessível, vivendo permanentemente absorvido pelo estudo e para quem o mundo se limita, com frequência, às suas próprias abstrações científicas. Para se ser na vida preconceitualmente sábio — escreveu um dia certo humorista — é preciso, acima de tudo, ser elegantemente pórcio. Aparte o que há de excessivo nesta frase, ela não deixa de assentar num certo fundo de verdade. Entretanto, não há regra sem excepção. Por exemplo: o dr. Mendes Correia. Ora aqui está um sábio lavado, escanhado, vincado, borrifado, que veste, com o mesmo ar impecável, um pijama ou uma casaca: que usa uma eterna flor ao peito, à semelhança de Boni de Castelanne; e cujo nó da gravata constitui — éle mesmo o confessor, certa vez, em nota officiosa — uma das suas mais infatigáveis preocupações de homem de ciência. Os seus livros — os seus próprios livros de antropologia — cheiram a água de Colónia. Risonho, acessível, falador, diplomata, adorando a «mayonnaise» de lagosta e as anedotas «au gratin», guiando o seu automóvel com a firmeza com que conduziu os seus pensamentos, poucas vezes um sábio poderá responder com tamanha convicção à voz do Passado: Presente! Sabendo, como raro, conciliar a arqueologia e o progresso, a calma académica e a ondulação permanente, foram-no buscar um dia para presidente da Câmara Municipal do Pôrto. A sua obra fala por éle. Menos árabe do que a Bólsa, mas muito mais tripeiro do que os Clérigos, já não é apenas um homem: é uma instituição. E festejada como poucas. Agora mesmo acaba Mendes Correia de regressar de Montpellier, onde lhe ofereceram o grau de doutor «honoris causa» — e, pela primeira vez na vida, caracóis de molho amarelo... Era só o que lhe faltava: doutor-se — em caracóis... Conseguiu-o.

ELES E ELA

DOIS rapazes disputavam o coração duma mulher magra como uma vareta de chapéu, mas rica como um coche D. João V. Comentário de João Bastos — o illustre comediógrafo, a quem contaram o caso:

— Dois câis a um osso!

CONTA-GOTAS

A filha dum conhecido médico de Lisboa — cinco anos vivos e curiosos — perguntava recentemente à mãe:

— Mãezinha, o que é um conta-gotas?

Resposta da mãe:

— É um frascinho de que o teu pai se serve — para dar dinheiro...

EXAMES

NUM exame de história. O professor interroga o examinando:

— O cognome de D. Afonso Henriques?

— O conquistador.

— Muito bem. E o de D. Sancho I?

— O povoador.

— Exactamente. E o de D. Afonso II?

O rapaz hesita. Então o presidente do júri para avivar a memória do examinando faz a cara gorda.

Logo o aluno:

— O bochechas!

VELHOS BÉBÉS

A conhecida escritora e poetisa Alice Ogando acaba de publicar um volume que é uma maravilha de graça. De graça, no sentido literário, claro! O volume intitula-se *Uma história pequenina*; é ilustrado por um dos nossos melhores artistas, Júlio de Sousa; e, através das suas páginas, se faz em verso a história dos bebés, desde que nascem até que se casam. Lá vem a primeira fralda, a primeira papa, o primeiro tem-tem, etc., etc...

Podemos anunciar que Alice Ogando começou um novo volume que deve sair no próximo outono — destinado aos bebés de mais de 60 anos. Índice de alguns capítulos: a última fralda; o último dente; o último tem-tem...

MARIDOS

A FINAL, minha senhora — perguntava alguém numa reunião a uma das senhoras presentes — o marido de V. Ex.^a é monárquico ou republicano?

— Quando está entre republicanos é republicano; quando está entre monárquicos é monárquico...

— Mas intimamente em casa, entre a família?

— Em casa, entre a família, é uma perfeita nulidade...

BAIRRISMO

NA minha igreja — dizia certo lavrador, enaltecendo o templo da sua terra — o prégador leva um quarto de hora da sacristia ao púlpito...

— Isso não é nada — respondeu outro que ouviu isto. Na minha, que é a de Mafra, entra um recém-nascido; baptiza-se; dá uma volta pelos altares; e quando sai — já sai casado com a segunda mulher...

Luís S. Oliveira



NA FRANÇA VENCIDA, o povo sofre dura expiação. A porta das lojas e das cozinhas populares, há extensas «bichas». A ração alimentar mensal dos franceses, de que damos, em cima, uma foto bem expressiva, é de: 325 gramas de azeite ou óleo; 300 gramas de café mistura; 500 gramas de açúcar; 350 gramas de massas alimentícias; 100 gramas de manteiga ou banha; 100 gramas de arroz; e uma caixa de sardinhas de conserva. A juntar a isto, 240 gramas de pão por dia e 100 gramas de carne de vaca por semana.



MAS A VIDA CONTINUA, embora cheia de dificuldades. Os franceses têm sabido ser fortes na sua infelicidade e têm reagido. A primeira preocupação é salvar as crianças da tragédia, não lhes dar a conhecer a desgraça, poupá-las ao sacrifício. Para isso, muito tem contribuído o auxílio da Cruz Vermelha americana que, apiedada pelos sofrimentos dos pequeninos franceses, envia continuamente, para eles, leite condensado e vitaminas. A distribuição destes produtos é, como se calcula, sempre acolhida com grande entusiasmo.



EXEMPLO CONFRANGEDOR: Um professor universitário aposentado, tendo abandonado a sua residência, na zona interdita, e perdido todos os seus bens, vê-se obrigado agora a comer numa das cozinhas populares gratuitas instaladas na França.



CORÉIA

A terra do dia tranqüilo

A CORÉIA É UMA TERRA QUE MAL SE CONHECE NA EUROPA. Poucas são as pessoas que lá vão e raras são os escritores que dela tenham falado. Trata-se, no entanto, dum país maravilhoso, de saber pitoresco, com usos e costumes que permaneceram intactos através dos séculos. É uma península montanhosa (o Kongo-San ou monte dos diamantes tem 12.000 cumes) e está situada entre o Japão e o Mar Amarelo. Era antigamente um reino independente, mas, em 1905, foi tonada protectorado nipónico. A miséria em que o povo se encontrava era tal, porém, que, em 1910, o Japão viu-se forçado a administrá-la, anexando-a como colónia. Hoje, a Coréia não tem parte activa no conflito sino-japonês.



A CAPITAL DA COREIA É SEÚL. Os europeus chamam-lhe assim, mas os japoneses conhecem-na por Keijo e os indígenas por So-ol. Atravessando o país de comboio, vê-se que é muito povoado. Possui, realmente, 22 milhões de habitantes. Mas, não obstante as riquezas naturais e a grande população, as condições de vida continuam a ser deficientes, isso provém da passividade nativa e esta, por sua vez, é originada pelo abuso dos impostos. O povo coreano decretou que não valia a pena trabalhar, pois quanto mais rico é o indivíduo, mais perseguido é pelo fisco. Há mesmo um provérbio indígena que diz: «Juntar fortuna é o começo da ruína duma família...» E não trabalham.



AS MULHERES COREANAS SÃO BONITAS E TÊM LINDA VOZ. Muitas delas vivem como cantoras profissionais na China e no Japão. Os coreanos de ambos os sexos usam vestuário branco, com pouco prática para o trabalho... Este costume provém da obrigação que, outrora, o povo tinha de guardar luto durante trinta anos por um soberano morto. As coreanas são altas e elegantes. O seu tipo é mais fino que o das chinesas e japonesas. São tédas exímias nos bordados.



AS COREANAS ENGOMAM A ROUPA COM PAU. Passam a vida a lavar, a engomar e a passar. Quando um rapaz coreano deseja casar exige que a noiva seja hábil neste serviço.



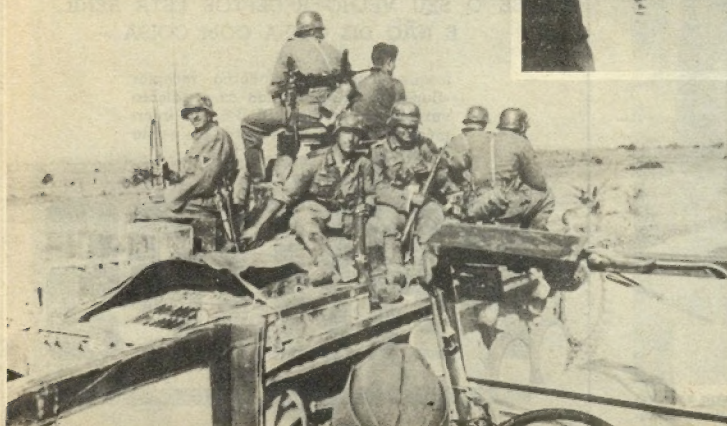
AS CASAS SÃO CONSTRUÍDAS COM LAMA SECA. O alimento principal dos seus habitantes consiste em peixe e arroz. A religião e os costumes são muito semelhantes aos japoneses e aos manchús.



OS EDIFÍCIOS MODERNOS SÃO RAROS, mas alguns, como o Palácio do Governo, em Seúl, correspondem à mais pura arquitectura europeia. De uma maneira geral, porém, persiste o estilo chinês.

Imagens do REICH na guerra

NA BATALHA DE SOLLUM, os «tanks» alemães tiveram papel importante. A contra-ofensiva desenvolveu-se numa larga zona e a luta prolongou-se durante três dias. O deserto fronteiriço foi continuamente percorrido por forças motorizadas e blindadas.



AS OPERAÇÕES NO DESERTO mantêm as tropas em permanente actividade. A sua deslocação faz-se, muitas vezes, em condições penosas, sob um calor verdadeiramente horrível.



PRISIONEIRO FRANCESES que foram libertados pelo governo do Reich, abandonam o campo de concentração onde se encontravam.



AS DUNAS DO NORTE DE AFRICA dificultam o avanço das tropas alemãs. Por vezes, há que pôr em acção as tropas alpinas.



NO CONTINENTE NEGRO, os carros blindados continuam a desenvolver uma actividade comparável à que tiveram nos Balcãs.



DUAS FESTAS DE CARIDADE deram, recentemente, oportunidade para se revelarem alguns magníficos intérpretes de arte coreográfica. Duas festas elegantíssimas, a que não faltaram assistentes e aplausos. Uma delas foi a que se efectuou no Jardim Botânico, a favor da Casa de Repouso dos Intelectuais e Artistas. A foto mostra-nos algumas das alunas de Madame Soso Doukas Shau numa original interpretação da magnífica «Dança Lenta», de Lacerda.



COLOMBINA E ARLEQUIM foi um dos números mais interessantes do recital que no S. Carlos se realizou a favor da Casa de Protecção e Amparo de S.^{to} António.



**SE O SEU VELHO RECEPTOR ESTÁ SENIL,
E NÃO DIZ COISA COM COISA**

troque-o por um moderno receptor «Super 4», aproveitando as condições vantajosas em que PHILIPS, por intermédio dos seus revendedores, lhe aceita o seu aparelho.

Compre um

PHILIPS

1941 Super 4

Visitem os estabelecimentos dos revendedores autorizados, ou as Salas de Exposição PHILIPS, Avenida da Liberdade, 3, em Lisboa, e Avenida dos Aliados, 151, no Porto.

IOD-BOM-BOM

O MEDICAMENTO COM IODO, ELIMINARÁ AS SUAS PREOCUPAÇÕES DUMA MANEIRA FÁCIL, CERTA, AGRAVÁVEL E ECONÓMICA

Não produz idiossincrasia e é inofensivo. A ciência, apesar de todos os progressos, ainda não conseguiu igualar nem substituir este poderoso, eficaz e prático depurativo: — o iodo, o mais velho de todos os medicamentos. Que actua: 1.º — Destrói as toxinas purificando o organismo. 2.º — Regulariza a circulação sanguínea e a tensão arterial. 3.º — Opõe-se energeticamente ao endurecimento das artérias e à esclerose dos órgãos vitais, tais como o coração e os rins, sendo um anti-esclerótico de primeira ordem. 4.º — Estimula e activa toda a nutrição. 5.º — Combate o linfatisimo. **Iod-Bom-Bom** é de resultados apreciáveis nas seguintes doenças: Elimina pela sua acção purificadora um sem número de incómodos, nervosidade, enxaqueca, cansaço geral, insónia, falta de apetite, etc., asma, enfisema. Descongestiona, fortifica e torna mais sãos os pulmões. Favorece o coração. Reumatismo, Artritisimo e gota: **Iod-Bom-Bom** auxilia a eliminação do ácido úrico, atacando directamente a causa do mal. Sob a sua influência, os gotosos e os reumáticos melhoram gradualmente, encontrando pouco a pouco a liberdade dos seus movimentos. Darts, furunculose: Purifica a fundo o organismo e faz a pele fresca e sã. Escrófulas, glândulas, caroços: — opõe-se resolutamente ao linfatisimo. Obesidade: **Iod-Bom-Bom** faz perder o peso excessivo. Ciática e nevralgias: — Atenua as dores insuportáveis da ciática, intercostais e nevralgias. Sífilis — Nas manifestações desta dosença é um formidável depurativo do sangue. Hemorroidas, varizes: — **Iod-Bom-Bom** combate estas doenças, as flebites e as úlceras varicosas. Combate zumbidos, dores de cabeça, afrontamentos, tonturas, etc. Hipertensão sanguínea, arterio-esclerose. **Iod-Bom-Bom** opõe-se energeticamente ao endurecimento das artérias. Impede a formação de concreções calcárias e preserva a elasticidade do sistema arterial. Debela as vertigens e palpitações, bem como a opressão nas fontes e na nuca. Há pessoas que tomam **Iod-Bom-Bom** todo o ano. O tratamento de 92 dias custa 25\$00. Meio tratamento, 14\$00. Um quarto de tratamento, 7\$50. As caixas são numeradas de 1 a 4, seguimento que devem ter no tratamento. **Iod-Bom-Bom** está à venda em todas as farmácias. Se não encontrar esta especialidade na sua localidade, peça-a num simples postal à

Farmácia Internacional, Lda

da Rua do Ouro, 228-230, Lisboa, que a mandará sem acréscimo de despesa.

MÃE

Aos 5 ANOS!



EMBORA SEJA A MÃE DE LIMA — avó precoce — quem cuide das coisas do bebê, a pequena não deixa de cumprir os seus deveres, ajudando a lavar-lhe a roupa — belo presente que o seu Alejandro recebeu dum grupo de comerciantes.

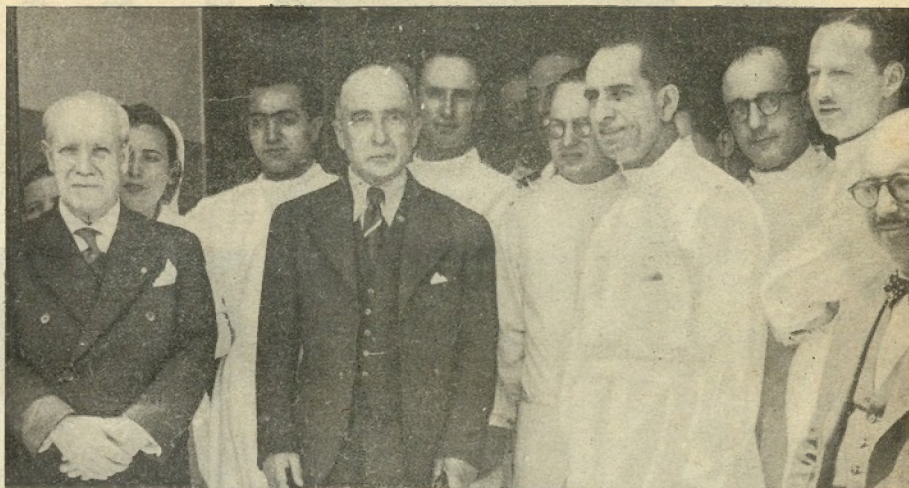
TRÊS GERAÇÕES QUE PARECEM DUAS. A foto, que publicamos em baixo, mostra-nos o pai de Lima, a pequena mãe e o bebê — um adulto e duas crianças.



NO DIA 14 DE MAIO DE 1939, trinta e cinco clínicos do Hospital-Maternidade de Lima (Peru), ficaram estupefactos ao saber que dois dos seus colegas tinham acabado de fazer um parto a uma garota — que contava, nessa altura, apenas cinco anos de idade e dera à luz um robusto bebê do sexo masculino. A notícia espalhou-se rapidamente pelo Mundo inteiro. Os médicos recusavam-se a acreditar. Mas a verdade é que o caso os interessava: tratava-se de um dos maiores prodígios da história da Medicina. Lima Medina — a pequena peruana, que é a mãe mais jovem de todo o Mundo — vive com os seus pais, que são índios, numa aldeia das faldas da cordilheira dos Andes. Que ela tenha, actualmente, apenas sete anos, é questão que os médicos ainda discutem. O facto, porém, é que, na altura em que recolheu à Maternidade, a sua certidão de idade acusava 4 anos e 19 meses exactos. E hoje, Lima Medina ainda tem quasi todos os seus dentes de leite, que geralmente só desaparecem entre os sete e os oito anos. O dr. Morris Fishbein, falando na Associação dos Médicos Americanos, afirmou que suspeitava de que Lima tivesse hoje quasi nove anos. Os dentes de leite, na sua opinião, não são prova concludente. De qualquer maneira, porém, Lima é mãe indiscutível. Desde o dia em que o bebê nasceu, ela cuida dele, brinca com ele e tem por ele verdadeiro amor maternal. Trata-o como se ele fosse a sua boneca... mas considera-o como seu irmão mais novo — e nunca lhe ralhou!... O pequeno tem agora dois anos e chama-se Alejandro Gerardo — os nomes próprios dos dois médicos que, após uma operação difícilíssima, o fizeram vir a este Mundo. Mãe e filho têm gozado de saúde. Embora Lima fosse capaz de o amamentar, o bebê foi alimentado por uma enfermeira. Richard Kaplan, um advogado americano que se interessou pelo caso e que tirou as fotografias que hoje publicamos, recebeu dos pais de Lima a explicação do estranho caso: Quanto a eles, trata-se dum fenómeno baseado numa lenda. Próximo da sua aldeia, há uma lagoa chamada do Nascimento. É firme crença dos índios que, se uma virgem entrar nesta lagoa, ela conceberá uma criança. Os Medina estão convencidos de que sua filha se banhou lá por engano.

Acontecimentos da SEMANA

O DISTINTO CLÍNICO DR. XAVIER DA COSTA, recentemente atingido pelo limite de idade, foi alvo das homenagens dos seus amigos e colaboradores. Vêmo-lo, na foto, à direita, com o enfermeiro-mor dos Hospitais e vários médicos que lhe apresentaram cumprimentos.



O CAPITÃO JAMES ROOSEVELT, filho mais velho do Presidente da República dos Estados Unidos, esteve em Lisboa alguns dias, vindo de Bathurst e a caminho do seu país, para onde foi a bordo dum dos «Clippers». A foto, à esquerda, mostra-nos o capitão Roosevelt, com o ministro da América em Lisboa, durante a recepção aos jornalistas.



O IV SALÃO DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA da «Mocidade Portuguesa» foi inaugurado nas salas da Sociedade Nacional de Belas Artes, com a assistência dos srs. Presidente da República e ministro da Educação Nacional.

A CHEGADA A LISBOA do novo ministro da Itália no nosso país, sr. Francesco Franzoni. A foto mostra-o na estação do Rossio, com várias entidades oficiais e membros da colónia.

OS INGLÊSES

também se lançam em

PARAQUEDAS



A INGLATERRA TAMBÉM TEM TROPAS PARAQUEDISTAS, por cuja preparação muito se interessam os altos comandos militares. ANTES DE SEREM EMBARCADOS, o equipamento dos soldados ingleses é cuidadosamente examinado pelos instrutores — oficiais aviadores.



A PRÁTICA DO PARAQUEDISMO é arriscada, difícil. Mas os ingleses encontram nela aspectos desportivos muito do seu agrado.



O LANÇAMENTO DE PARAQUEDISTAS INGLÊSES, durante exercícios recentes, deu os melhores resultados.

(Fotos «Britanica»).



EM VÁRIOS AERÓDROMOS DA INGLATERRA, milhares de soldados recebem instrução da nova arma de guerra.

PANORAMA INTERNACIONAL

Por FRANCISCO VELLOSO

(Continuação da página dois)

deses ao Eixo. Daqui, o agravamento das relações entre Tóquio e Batavia, o apêlo do governo insular ao de Washington, a 14, para que reforce com mais aviação e material de guerra a defesa das ilhas, ao que este último, primeiro cliente daquelas riquezas, apressadamente respondeu. Chegar-se-á a mais do que isto? O Japão é um país economicamente tributário. A guerra no Pacífico depois da que tão profundamente o sangra na China é para ele caso digno da maior circunspeção. E, se a pressão nipônica sobre os Estados Unidos pode valer ao Eixo, não é este, no caso de um desastre, quem pode valer ao Japão. A chancelaria de Berlim respondeu a 13 aos jornalistas estrangeiros: «nós temos de resolver os nossos próprios problemas e a nossa aliada japonesa os seus no Extremo Oriente». É pouco, para o príncipe Konoye ficar sósinho no imenso palco bélico do Pacífico.

AO FIM DA PRIMAVERA



VON PAPEN

Ora, ninguém avaliará de pequena monta os problemas da Alemanha na Europa, e certamente não são menores os da Inglaterra.

A vitória de Creta não foi prolongada com a esperada rapidez sobre a Síria. A Grã-Bretanha, por detrás da lealdade turca à sua neutralidade e aliança — situação que não é *sui generis* nesta guerra — pôde num sobressalto de energia a tempo, ocupar o Iraque e irromper Síria dentro, coadjuvada por De Gaulle, desfaldando a bandeira da independência e futura federação dos Estados árabes, o que lembra a lucidez de visão do autor da *Revolta no Deserto*. Esperava-se o ofensiva de Rommel no Egito, mas, quando as concentrações italo-alemãs estavam feitas, foi Wavell quem reagiu, para as desagregar, ou para romper em ofensiva se pudessem. E não pôde. Diante de Damasco, os governos de Londres e de Vichy, em novas notas procuram esclarecer-se, para que o conflito não alastes, frase que implica compromissos. O plano de Berchtesgarden ainda não apareceu. A conferência econômica europeia não tornou a superfície. E, visivelmente, a Inglaterra respira fundo, depois dum série de desastres diplomáticos e militares e no meio da tremenda crise da batalha do Atlântico, das novas rotações ofensivas aos motores da sua aviação de guerra que duramente bombardeia a zona industrial do Ruhr, aproveitando a diminuição dos formidáveis ataques das asas germânicas ao arquipélago que o conflito com a Rússia mais veio comprometer.

A 18, a Turquia e a Alemanha firmaram um pacto de amizade e não-agressão que não tem expressão de compromisso reversível, para prévia consulta mútua das duas partes.

Num largo mapa da Europa e do Próximo Oriente não é difícil descobrir os velos preciosos do petróleo e os grandes reservatórios do trigo. Nunca como nesta guerra,

a economia presidiu mais sobre as decisões dos estados-maiores.

E nessa carta imensa, três nomes refulgem a vermelho: — Berlim, Moscovo e Ankara.

NOVA «FRENTE»

Na manhã de 22 do corrente, o panorama da guerra e, mais especialmente, da política internacional oferecia ao mundo um novo horizonte de incalculáveis vastidões: — as tropas alemãs e romenas tinham invadido a Rússia Soviética. Depois da eclosão do conflito e da queda e desbarato da França, não houve ainda acontecimento de tamanho vulto. De repente, pareceu que a guerra rodara para novo quadrante.

A quem tenha rastreado, com a lupa de paciente observação, o desdobrar dos sucessos desde a assinatura em agosto de 39, do pacto germano-russo, que tornou possível a Hitler passar da guerra à Polónia à guerra à Inglaterra e à França, o estrodo acontecimento não pode ferir de surpresa.

Hitler numa longa proclamação, que merece ser lida e relida, dá sobretudo, um tom de desapontamento que impressiona tanto por vir dum vencedor como pelas revelações com que fundamenta a sua indignação.

Essas revelações conduzem todas aos mesmos pontos: — o Führer teve de transigrir sucessiva e progressivamente com crescentes exigências russas, mesmo depois da derrota da França; Estaline não forneceu à Alemanha os meios de resistência industrial e de subsistência, a que se comprometera, em troca de metade da Polónia, da Bessarábia, dos Estados Bálticos e do istmo da Carélia que Hitler lhe cedeu, concedeu ou permitiu que ele conquistasse.

Quando — como estava previsto — os interesses alemães chocaram com os russos na zona explosiva dos Balcãs, atrictos de cada vez maiores dentaram o trato dos amigos de ontem. Hitler revela que foi por isso que teve de descer ao sul da Grécia e que desde maio de 1940, a uma e outra banda da fronteira,



MOLOTOV

tanto ele como Estaline (muito embora atribua a este prioridade) foram acumulando tropas e tropas, que hoje somam do lado de lá cerca de 160 divisões, e do de cá multidão tão grande como em exercito apinhado, o mundo já-mais viu.

Há em tudo isto, e logo inicialmente, uma distinção a fazer, entre a razão moral e a eficiência lógica do conflito. A primeira está excluída. A existência do pacto germano-russo que afastou dos Soviéticos as simpatias do operariado do mundo e resfriou a lava das sedições comunistas que de lá tiravam santo e senha, não permite que se aprecie o acontecimento por tal face.

Quanto à razão eficiente, que entra no domínio da política internacional, conhece-se e palpase muito tangivelmente a causa única do dissídio, causa real, prática e



B.B.C. A VOZ DE LONDRES B.B.C.

FALA
E O MUNDO ACREDITA

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Hora de envio		Estações	Ondas curtas
13.15	Noticiário	GRZ	13.86 m. (21.64 mc/s)
		GSD	19.76 m. (15.18 mc/s)
13.30	Actualidades	GRV	24.92 m. (12.04 mc/s)
22.00 (*)	Noticiário	GSC	31.32 m. (9.58 mc/s)
		GSE	31.55 m. (9.51 mc/s)
22.15	Actualidades	GRT	41.96 m. (7.15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em 24.92 metros (12.04 mc/s) em GRV

USE O MATERIAL FOTOGRÁFICO

ILFORD

CHAPAS // PAPEIS
PELÍCULAS



A' venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



ILFORD LIMITED
ILFORD - LONDRES

material de não cumprimento por parte de Estaline de obrigações contratuais por ele assumidas com o chefe do Reich; e por isso mesmo causa que expete toda a possibilidade de confusão com diferenças ideológicas entre os dois contendores. Ao ler-se, na proclamação de Molotov, um queixume fingidamente indignado contra as conquistas alemãs da Polónia, da Dinamarca, da Bélgica, da Holanda, da Jugoslávia e da Grécia, pasma-se de tamanha desvergonha lacrimosa que só o pacto de há dois anos tornou possível, e recorda-se que ainda talvez há menos de mês, o Kremlin regelava de si os representantes diplomáticos dessas nações vencidas... porque já não eram soberanas! Virada do direito do avesso, a côr da fazenda é tão surrada duma como doutra face.

O que a Hitler forçou a ficar silencioso, isto é a transigrir nas exigências de Estaline, não o diz o Führer mas compreende-se que o seja o imperativo da execução dum plano político e militar em guerra, constantemente perturbado por tais exigências e por necessidades materiais urgentes.

Fica, porém, a Alemanha diante dum inimigo temível, e é isto que muda repentinamente todo o panorama da guerra. Havia a batalha do Mediterrâneo, a batalha das Ilhas Britânicas, a batalha do Atlântico, e aparecem as batalhas da Ucrânia e do Cáucaso, a batalha da Rússia, e com tão urgente carácter que transitariamente diminuem o das demais.

Churchill já aproveitou o tema para um discurso habilíssimo no dia 22. A proclamação do Führer rotula uma época histórica. *Le monde a changé de base.*



WAVELL, O GENERAL A QUEM A GRÃ-BRETANHA CONFIU A CAMPANHA DA ÁFRICA E DO MEDITERRÂNEO. É homem de vida simples, de hábitos singelos. Acostumado, na sua terra, à vida dos campos, todas as manhãs, nos jardins do Quartel General do Cairo, mata saudades... vende os indígenas a trabalhar a terra.



A FILHA DE WAVELL QUE SE VÊ À DIREITA DE SEU PAI E JUNTO DE SUA MÃE É secretária dele no Grande Quartel General do Cairo. É a mais velha das três irmãs. Das outras, uma é enfermeira e outra datilógrafa no Quartel General.



EXIBIÇÃO DA CLASSE DE GIMNÁSTICA DO CENTRO ESPECIAL da «Mocidade Portuguesa» no Pavilhão de Exposições do Parque Eduardo VII—demonstração a que assistiu o sr. Ministro da Educação Nacional e vários membros do Governo.



LUCIEN DONNAT, um pintor moço, abriu no estúdio do S. P. N. a sua exposição de pintura, onde apresenta, com originalidade, curiosos motivos portugueses. Na foto, vemos o artista com o sr. António Eça de Queiroz, que inaugurou o certame.



RONALD CAMPBELL, ministro da Grã-Bretanha em Belgrado, que se refugiara na Grécia e segue agora para o seu país, chegou há dias a Lisboa. A foto, mostra-nos aquele diplomata com Sir Noel Charles, ministro da Inglaterra.



O RIO NEIVA atravessa os terrenos férteis da freguesia do Neiva, do concelho de Esposende. A foz é ao fundo.



FOI ALI QUE, HA DIAS, teve uma amarração forçada um bimotor inglês, cujos destroços se vêem nas gravuras que publicamos em cima.

Actualidades do PÓRTO



NO CENTENÁRIO DA IGREJA DA TRINDADE, no Pôrto, foi prestada homenagem ao sr. professor Alberto Saavedra. Assistiram ao acto as autoridades civis e militares daquela cidade.

O «DIA DA RAÇA» foi comemorado no Pôrto com um sarau literário no Clube dos Fenianos, que teve numerosa assistência (à direita). Nêle se exhibiram os alunos do Conservatório, sr.^{ta} D. Maria do Céu Pereira da Silva e D. Lília Martins de Alito e o sr. José Queiroz, que se vêem em cima, à direita.



O CORONEL LESLIE, adido militar britânico em Liaboa, e o sr. Geoffrey M. Tait, visitaram recentemente a sede da Liga dos Combatentes da Grande Guerra no Pôrto. Vêmo-los na foto, à esquerda, com os corpos gerentes daquella antiga e prestimosa agremiação.

PROFESSORAS E ALUNAS do Liceu Feminino do Pôrto reuniram-se, no fim do ano lectivo, num chá de despedida que teve um cunho muito simpático.





FOI POR ESTE PONTO DA FRONTEIRA DA SIRIA — a 81 quilômetros de Beirute — que as tropas inglesas penetraram naquele país.



SOLDADOS COLONIAIS FRANCESES, de guarda ao castelo de Alepo, que domina uma zona da Síria, e é obra maravilhosa.

a Síria e Líbano

Novos teatros de guerra



DAMASCO, CAPITAL DA SIRIA, de que damos um aspecto geral, constituiu o primeiro importante objectivo das tropas invasoras. Na foto, vê-se a cidade atravessada pelo condutor de petróleo, cuja posse é, certamente, um dos motivos principais da luta.



A CIDADE DE ALEPO, no Norte, é outro dos importantes objectivos que as forças britânicas e «gaulistas» pretendem atingir. Sobre ela, avança uma coluna vinda do território iraquiano.



UM ASPECTO DO PÓRTO DE BEIRUTE, contra o qual se dirigiu uma das cinco colunas atacantes (em cima, à esquerda), CAVALEIROS SÍRIOS (em cima, à direita) que têm tomado parte nos combates em curso, enquadrados nas tropas francesas e coloniais do general Dentz. Em baixo: Uma fotografia histórica tirada poucos dias antes da invasão da Síria e do Líbano. Numa das pitorescas ruas do Cairo, encontram-se as mais representativas figuras dos comandos das tropas britânicas e «francesas livres». Da esquerda para a direita: o general Sir Archibald Wavell, o general De Gaulle, o chefe das forças da R. A. F. Longmore, e o major-general inglês Spears. De costa, o general francês Catroux.



O Manuel dos Juncais

Novela por Edgard Marques

QUANDO o vi notei-lhe um ar abandonado, uma expressão alucinada no olhar. Gritei ainda de longe:

— Eh, Manuel!

Virou-se sem aparentar espanto. Depois aproximou-se de mim e estendeu-me a mão, a tremer. Como ele estava, santo Deus, o Manuel dos Juncais!

O Manuel dos Juncais, que eu conhecera tão diferente quando, em férias, ia à quinta de meu tio! Rosnou um cumprimento. Saía-lhe da boca um bafo de aguardente. Teve um ataque de tosse. Eu mal o reconhecia. O Manuel dos Juncais, êsse farrapo que ali estava a tossir na minha frente!

Balbuciei apenas:

— Como vai isso?

Ele encolheu os ombros e disse:

— Mal...

A seguir, com tristeza na voz rouca:

— Muito mal.

— Estás doente?

— Doente...

Esboçou uma careta e completou com amarga ironia:

— Da cachimónia, patrão. Pardi o paraíso que regula cá isto.

Sorri contrafeito.

— Deixa lá, homem, ainda se há-de encontrar.

— Ná, não senhor; a cancaça já não tem consêrto.

— Mas que fazes em Lisboa?

O Manuel esteve um momento indeciso. Em seguida, estendendo o dedo numa atitude profética:

— Ando para aqui a pagar contratos que fiz com a Providência ou lá que é. Olhe, patrão, dizia o senhor seu tio que, quando a gente desata a asneiar na vida, assina papel de agiotagem com o destino de um homem, que depois exige a paga e mais os juros.

E mudando de tom, como quem tenta disfarçar:

— Pelos vistos, o patrãozinho ainda se alembrou cá do rapaz...

Olhei-o com ternura.

— Não é fácil esquecer. Recordas-te, Manuel, dos belos tempos que passámos na quinta?

Correu-lhe um clarão pelos olhos piscos e murmurou:

— Se m'alembro...

Pôs-se a bater no peito, enquanto exclamava excitadamente:

— Nessa temporada era eu um homem. Um homem!

— E ainda és, que diabo!

Olhou-me com desespero. Senti a sua mão calosa a apertar a minha. E com voz em que se adivinhava a boca seca:

— Ná, senhor. O homem já morreu. O que anda agora aqui é o cadáver do outro.

Tentei rir. No íntimo estava oprimido, apresentando um drama naquela vida que eu conhecera tão simples. Dei-lhe o braço. Andámos em silêncio até ao primeiro banco. Sentámo-nos. Brincavam crianças mais adiante; passavam automóveis; nas árvores chilreavam pardais. E o sol doirava os canteiros da Avenida.

Então ele como se falasse consigo:

— Desgracias...

Ofereci-lhe um cigarro. Pedi-lhe que me contasse a sua vida. E ele, como se eu ali não estivesse:

— Vai para seis anos... Foi pela apanha da azeitona...

Depois, mudando de entoação:

— Sabe que cheguei a ficar lá com a quinta? Seu tio a modos que andava arreliado com os outros rendeiros, não sentia amor pela terra, e para que a terra medre é preciso criar-lhe afeição. E vai eu, um dia, falei-lhe desta maneira:

— Pelos vistos o patrão não se sente com queda cá por isto, e se o patrão me quisesse dar poderes...

Seu tio ficou-se, muito pensativo, a olhar para

mim, a olhar... Por modos que me percebeu porque depois perguntou-me:

— Queres muito à terra, Manuel?

— Saiba o patrão que sim.

Então o senhor seu tio botou-me estas palavras:

— Pois pode ser que a gente se entenda. Vai com Deus.

— Com sua licença... — disse arreacuando.

E abalei pela escada abaixo, contente como um pardal. Eh, camarada! Qualquer cantiga me cantava cá dentro a dizer-me que a terra era minha. Sempre tive dentro do peito êstes palpites. Via às vezes no futuro que intê parecia bruxaria.

O Manuel calou-se. Estava diferente. Ao sabor das recordações dir-se-lhe que o seu corpo alcachinado vibrava cheio de vida. E eu recordava o Manuel que fora meu companheiro noutro tempo. O Manuel ladino, espertalhão, com ditos a propósito, certa filosofia e veia de poeta. Via-o como dantes a tocar harmónica, a cantar quadras que improvisava ao desfilio, pimpão, no meio das raparigas.

De novo a voz dêle se fez ouvir, agora mais arrastada, como quem desperta de um sonho:

— Pois é verdade, sempre tive estes palpites e olhe que nunca me levaram ao engano. Assim eu tivesse dado fé das vozes do meu peito quando o diabo tomando o formato de uma mulher meteu os

chavelhos na minha vida. Mas... qual quê! Um homem quando tressvaira fica estuporado e nem a voz de Deus o arranca do chiqueiro. Mas siga a história:

«Vai depois, no outro dia, seu tio que Deus haja chamou por mim para me falar no negócio. Aquilo foi mesmo atar e pôr ao fumo. Em menos de um raio fizeram-se as escrituras e a terra ficou minha por dé' réis de mel coado, que seu tio, não desfazendo, era mesmo uma cara direita. Tive ganas de o abraçar ali à ilharga do tabelião e mais das testemunhas. E é que o abraçei mesmo. Pedi licença ao patrão e ferrei-lhe um aperto de meter dentro o arco-boço. Seu tio depois arretrou-se para a cidade e eu fiquei. Eh, homem de um raio! Quando me vi dono da fazenda intê julgava que era mentira. Labutava de sol a sol, mas não havia homem mais contente no lugar. Sentia guizeiras na alma como se eu fôsse uma alimária em dia de feira aí a guizalhar pelos caminhos. E semeava a terra, andava-a de lés-a-lés, na escadadura das águas, ora a podar as videiras, ora no encaminhamento dos bois. Deitava-me à noitinha estacadinho e não precisava de mais nada.

— Porque deixaste a terra, então? — indaguei.

O Manuel emmudeceu por um momento. Baixou a cabeça e resmungou:

— Por via de uma mulher.



— Então, porque deixaste a terra?

Eu estava a pressentir a confissão. O Manuel prosseguiu, sem precisar de ser instado:

—Ela não era lá do povo. Apareceu lá na terra, a servir, aquela criaturinha de má morte que me encheu de fezes a vida. Enxerguei-a uma tarde ao pé do rio onde as mulheres lavavam. Tinha um lindo palminho de cara, lá isso tinha. A cachopa não era como as mais, os olhos pareciam que lavavam, capazes de fazerem ferver a micleira ao mais pintado. O raio! Era mesmo apeteçedora! Não sei que veneta me deu, que me prantei à beira dela a criar-lhe assim umas palavras por reinação. Mas a criatura não dava trela. Mandou-me ir brincar com a minha irmã e que lhe desamparasse a loja. Vai eu falei-lhe desta maneira:

—Não tenho irmãs, menina, e se as tivesse não seriam tão lindas como vosmecê.

—E vai ela respondeu-me:

—Ai que o homem é lambedor...

—Então eu, sem deixar esmorecer a conversa:

—Dóce é o mel, menina, e se calhar lambe os dedos por ele...

—E fui-me achegando como quem não quer a coisa. Mas ela ferrou-me, assanhada, um encontrão e amanda-me, sem tardar, a resposta:

—Enxota... Que o homem é guloso até nas comparações.

—Não perdi a fala... E palavra puxa palavra, desatamos de boas, de chalaça.

—Ao outro dia lá estava. Passei a conversar às tardes com a rapariga. Menina Maria para aqui... Menina Maria para acolá... Era só conversa fiada e nada de meter butes. Não sei que raio de acobardamento me dava quando estava à beira dela que perdia a minha adoliteza. O pior é que perdia também o amor ao trabalho e ao comer. Um dia disse com os meus botões:

—Manuel, vosmecê a modos que anda embruxado, passa as noites a magiar só com o sentido na moga, e, sendo assim, que raio! O melhor é seguir as falas do coração, que quem casar com ela não vai mal e não bebe nenhum copo de vinho azêdo.

—E logo ali assentei no que tinha a fazer. De repente abalei ao encontro dela, mas... qual capanga! Tão depressa me abeirolei da rapariga, vá de me acobardar, a sentir as goelas apertadas. De tal maneira enfiei, que ela parecia que estava a ler em mim quando me disse:

—Que tem vosmecê? Que pecados traz na alma que parece que anda neste mundo atormentado?

—E eu, como se estivesse com a agulhada a picar bois no meu peito:

—E olhe que desta feita não se engana... Eu ando a pensar por via da menina...

—O que se tem a fazer faça-se logo. Prantei para ali tudo o que sentia, de modos a sossegá-la, que eu queria namôro para bom fim. Ela, a bem dizer a verdade, não aparentava muita satisfação. Deitei-lhe a manôpula e gritei arreliado:

—Está visto, menina, está visto que eu não sou homem do seu agrado...

—A cachopa respondeu, também abespinhada:

—Eh, homem de uma figa! Não disse nada que se não fosse... Se você começa desta maneira, o que será depois...

—Fiz-lhe juras de amor. Ela parecia mais amaciada. Dizia que precisava de tempo para me dar a resposta. E passaram dois meses sofredores, a contas com danagações e ciúmeiras. A rapariga gostava de bailes e reinações. Até me passavam coisas más pela vista só de a ver de súcia no meio da malta. Botei-lhe falas sérias muitas vezes, disse-lhe que não era homem para brincadeiras. Mas ela a modos que me sabia levar com olhadelas de emma-luquecer um morto. Tinha falinhas mansas, e era com voz mimosa que me dizia assim:

—Senhor Manuel, vosmecê ainda não tem poderes sobre mim e não é por mór destes folguedos inocentes que, se estiver escrito lá no céu, a gente deixa de ir à igreja.

—Esteja que não esteja, é que eu quero ir mesmo —respondia-lhe, embeberado.—E se não fôr comigo, posso garantir à menina que não vai com mais ninguém.

—Fugas, canhoto!...

—Até que uma noite, depois de baile no terreiro, onde eu fui mais uma vez pela resposta, ela disse-me que sim. Ena poi! Parecia que sentia o coração a aumentar-se no peito!

—Toca de arranjar as coisas de jornada. Ele foi trastes novos para a casa, bugigangas, arrebigues, até tapetes, que os vim comprar à cidade — tudo me parecia pouco para aquela arrengada. Choviam os dichotes lá no povo, não faltavam talatários nem tramóias. Que a cachopa era aleventada... Que não era boa res... Que mais tarde ou mais cedo mos havia de botar... Mol o corpo do Zé da Rita com pancadas por via destes destemperos da língua. No fim de contas eles é que estavam na sua. E não ter havido um raio que me levasse desta para melhor!

—Casei. Foram bodas rijas, que eu queria tudo à grande. Estava toldado da cachimônia e não queria ouvir as tais vozes que falavam dentro de mim. E passaram temporadas cheinhas de satisfações. Vieram inverniais, tive noites regaladas, a cama era um borralho e não sentia os pés frios. Mas, com o andar dos tempos, a mulher vá de asneir. Ela só tinha a obrigação da lida da casa, dos animais e do comer. Que eu não a queria estragada nas fainas rijas do campo. As brigas e bramações começaram por via da estragada. Ela só cuidava do lúxos; toda asseio nas roupas, comprava franginhos cheirosos e sabonetes vermelhos que faziam muita espuma. Lavava-se à semana que nem parecia uma mulher honrada. E nada de emprender no futuro. A casa passou a andar numa relaxação. Chegava um homem à noite e não tinha o comer pronto. Se fosse com outro ia tudo à bazanada. Mas eu andava preso como burro à arreata, só via pelos olhos dela, não dava folgas ao génio nem ainda era homem para me meter no vinho.

—O pior ainda sucedeu depois, quando a criatura começou a ter manias. Foi pelo verão, por alturas em que o Zé Pardal alugou a casa a uma gente da cidade e a mulher lhe deu a veneta para passar a vida a dar à taramela com as porcas das duas criadas que vieram na companhia da família. Não sei que raio de telha elas lhe meteram na cabeça que a desviaram ainda mais do bom caminho. Que aquilo era terra pronta a arreceber a ruim sementeira. Um dia saiu-se-me com esta:

—Manel! E se tu vendesses a fazenda e nos fôssemos estabelecer com negócio na praça da cidade?

—Quê!...

—Fiquei mesmo aparvalhado de todo. Vender a fazenda!... Deixar a terra!... A mulher estava maluca!

—Então ela, vendo-me de boca aberta:

—Credo, homem! Parece que te falei em crime de morte. Nunca passaremos de burros de carga cá ao campo. Na cidade, com negocio por nossa conta, outro galo cantaria.

—Amadei tamanha patada às tábuas do chão que ela meteu a língua no sacco. Deixar a terra! Era o mesmo que baixar o meu corpo à sepultura. Mais amansado, quis alumiá-la pela razão. E tempos andaram sem que ela voltasse à sanfona. Mas vieram inverniais estuporadas. Os campos estavam numa alagação. Nem os velhos se lembravam de

tantas chuvas a caírem sem parança. Esmoreci. A pobreza já por ali andava a bater-me à porta. A arrengada então aproveitou-se. Toca de me atazanar todo o santo dia. Eram coisas e loisas para me convencerem. Sempre o raio da mania de ir viver para a cidade. E volta que não volta punha-se a falar:

—Na cidade, com negócio por nossa conta, a gente podia enriquecer. Pergunta ao tio Folgado, que tem lá o sobrinho com lugar de hortaliças. Pergunta, anda, se o rapaz está arrependido e se quer voltar. É o voltas! Nada, que ele não é tolo. Rezam para aí que leva vida regalada como se fosse um senhor. Quando um dia cá apareceu na terra, não sei se tens lembranças, só botava fatos novos e vá de viver à grande que já nem parecia da nossa igualha...

—Um dia houve bernarda com tabele à mistura, que um homem não é santo nem feito do gesso com que se fazem bonecos. Mas o diabo da mulher tinha artes. Para mais o Zé Moleiro também lhe deu para me tentar. Punha-se a mostrar-me o dinheiro com que me queria comprar a fazenda. Em certa ocasião arrebeltei:

—Pois vendi-se a fazenda e a alma ao diabo.

—E vendi.

—Quando depois me vi no quarto da hospedaria fiquei tão entristecido cá por dentro, que me pus a beber vinho para alcançar esquecimento. Bebi, bebi tanto, que apanei uma pirua. E o mal foi começar. Depois fui-me acostumando, que a gente, como diz o outro, acostuma-se a tudo. Ao vinho e à vida da cidade. Alugámos casa para as bandas do rio. Depois de muita labuta também pus lugar na praça. Eu não gostava daquilo; fora da terra era mesmo um corpo morto. Mas gostava ela, e eu quando encontrava os olhos daqueles olhos não via nada.

—Nem reparei nas troças da vizinhança, porque a mulher dava que falar. Ao começo ainda ela andava toda mexida e ia na minha companhia, de manhãzinha, para o mercado. Tinha jeiteira para o negócio. Não sei que raio de arte punha nas falas quando se metia a chamar o povo: —Ó fregues!... Ó freguesinho!...

—E que a malta se ia afreguesando. Mas foi sol de pouca dura. Não faltaram depois desculpas e empecilhos para ficar em casa. Ficar em casa ou ir vadear para onde ela queria, que eu a bem dizer não sabia o que ela fazia nas minhas costas. A verdade é que ela andava com mais asseios e até parecia que tinha nojo de mim. Ameacei dar cabo dela. Por mais de uma ocasião me passou essa telha pela cabeça. Até que uma vez, na volta da praça, à tardinha, a mulher... quê dela?! Tinha dado cabeçada. Abalou com um figurão... E nunca mais o filho de meu pai lhe pôs a vista em cima.

O Manuel calou-se e eu sentia-me comovido. Queria dizer-lhe qualquer coisa que o reanimasse e não encontrava as palavras.

—Bom... Foi melhor assim... —proferi, a bater-lhe nas costas amigavelmente. —Essa mulher não te servia, podes ainda reconstituir a tua vida, voltar para a terra, vender o lugar na praça...

—Mas ele interrompeu-me:

—Voltar para a terra? Ná, patrão, já estou fora do tempo. Agora só uma ideia me bate na cabeça. Enxergá-la a jeito.

—Para quê? —interroguei, assustado.

—Ele teve um gesto de deslenho.

—Para a matar, patrão, ou para a fazer voltar para a minha companhia.

—Hein! —exclamei, dando um pulo no banco. Então o Manuel, a sacudir-me com mãos trémulas as bandas do casaco:

—Ah, patrão! É que a penuge do corpo de uma mulher prende mais do que as amarras de um navio.

A grande aventura do deserto da Libia



—Pois é verdade... Quando eu era caixeiro viajante em África, atravessei um dia o deserto da Libia no meu automóvel...



...quando, de repente, foi atacado por dois beduínos que andavam a passear de camelo... Não imaginas o que aquilo foi...



—Roubaram-me tudo — carteira, relógio, malas e mostruários... Fiquei só com o fato que tinha no corpo. Até o automóvel! Tive de voltar a pé...



—Mas tu não levavas um revólver contigo numa viagem dessas?! — Levava... Levava dois! Mas, felizmente, tão bem escondidos que os palermas não deram com eles...



AUSTRALIANOS no Cairo

Vida
MUNDIAL
ilustrada

CAIRO, CIDADE EGÍPCIA DE ASPECTO CARACTERÍSTICO, com fisionomia cosmopolita, de ambiente oriental e europeu, ao mesmo tempo, é hoje um dos pontos cruciais da guerra do Mediterrâneo. Capital do Egito, a poucos quilômetros de Alexandria e do Suez, separada da Cirenaica por um deserto que divisões blindadas podem vencer, o Cairo vive um dos momentos mais intensos da sua existência. A Grã-Bretanha, em estreita colaboração com o governo do rei Faruk, vela pela sua segurança e, nas ruas do Cairo, é hoje vulgar o aspecto que esta foto nos mostra: Soldados australianos atravessam as ruas do bairro indígena da grande capital, guiados por nativos a caminho dos seus aquartelamentos—povos de todas as raças do Império Britânico irmanados no mesmo desejo de conseguir a vitória.